Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-075-9
Cadernos PDE

VOLUME II

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

Produções Didático-Pedagógicas

2013

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

FICHA PARA IDENTIFICAÇÃO PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA TURMA PDE - 2013	
Título: Violência Escolar: Pedagogo de Incendiários a Bombeiros	
Autor	Célia Regina Misael da Silva
Disciplina/Área	Pedagogia
Escola de implementação do Projeto e sua localização	Escola Estadual Rui Barbosa – EF – Rua Ivaí, 442 CEP – 87.340-000 Fone: (44) 3568 1221
Município da escola	Mamborê – Paraná
Núcleo Regional da Educação	Campo Mourão
Professora Orientadora	Profª. Me. Cleudet de Assis Scherer
Instituição de Ensino Superior	UNESPAR – CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
Resumo	A violência tem crescido em todas as esferas da sociedade e consequentemente na escola, interferindo diretamente no processo ensino e aprendizagem. A escola sozinha não conseguirá solucionar esse grave problema, no entanto é um espaço valioso para estudar e discutir essa temática. Essa Unidade Didática caracteriza-se como um estudo qualitativo, tem como objetivos investigar a violência escolar e suas consequências na aprendizagem e analisar a função do pedagogo e sua mediação com os professores na busca de um processo ensino e aprendizagem efetivo, visando minimizar a violência escolar. Por meio do aprofundamento teórico sobre esta temática, contribuir com pedagogos e professores na organização do trabalho pedagógico e consequentemente a apropriação de um conhecimento científico por parte do aluno. Para tanto, buscar-se-á o respaldo teórico explicitado por Gasparin (2005), em "Uma didática para a pedagogia Histórico-Crítica", com a finalidade de efetuar uma leitura coerente e crítica da realidade educacional a ser pesquisada.
Palavras-chave	Violência Escolar; Função do Pedagogo; Pedagogia Histórico-Crítica.
Formato do material didático	Unidade Didática
Público alvo	Professores e Pedagogos da Rede Estadual de Ensino

APRESENTAÇÃO

O presente material é uma produção didático-pedagógica, prevista no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), produção organizada e elaborada dentro do Projeto de Intervenção Pedagógica no espaço escolar, cujo propósito é buscar a fundamentação teórica, metodológica e uma aplicação que redunde em avanços pedagógicos na escola pública.

Essa produção didático-pedagógica é o resultado prático da teoria apresentada dentro do Programa PDE, a relação entre teoria e prática pedagógica (superação das dificuldades), na busca de resultados que eleve o processo de ensino e aprendizagem a níveis mais satisfatórios, produzido por meio da relação professor-professor e professor-aluno.

Essa Unidade Didática tem como objetivos a partir do referencial teórico discutir de forma sistematizada a função do pedagogo e sua articulação frente ao trabalho pedagógico, com vistas a subsidiar os professores na organização de seu trabalho docente, para que estes possam "incendiar" seus alunos na busca do conhecimento. Promover também condições de estudo sobre a violência escolar como alternativa de prevenir e encontrar ações que minimizem esse problema.

O desafio é avançar nesta discussão bem como articular o trabalho pedagógico que possibilite melhor ensino e aprendizagem. E que os professores e alunos sejam atendidos nesta especificidade. Tornando o papel do pedagogo não apenas de bombeiro e sim como de um incendiário munindo professor, e este como mediador do conhecimento, alcançando seu aluno.

A elaboração dessa proposta didática é uma parceria com a Unespar (Universidade Estadual do Paraná) campus Campo Mourão, na área da Pedagogia, com a orientação da Professora Mestre Cleudet de Assis Scherer, será desenvolvido na escola de atuação do professor PDE. Esse material é organizado por temas que permitirão a discussão e reflexão dos pedagogos, professores e gestores da instituição.

Nesse sentido, o material didático-pedagógico tem como fundamentação teórica os autores como Flávia Schilling (2008), Lizia Helena Nagel(s/d), José Carlos Libâneo (2000), e João Luiz Gasparin (2005).

A metodologia empregada nesse instrumento de trabalho é fundamentada no Materialismo Histórico, que possui com o referencial a teoria dialética do conhecimento, tanto na metodologia, no planejamento de ensino e aprendizagem como na ação docente-discente segundo Gasparin (2005). Assim sendo, o material será apresentado para as devidas leituras, reflexões e as anotações a cada tema desenvolvido. Segue nessa unidade didática a abordagem teórica que norteará as discussões junto aos participantes (pedagogos, gestores e professores), as atividades, as considerações e as referências bibliográficas.

Célia Regina Misael da Silva[1]

Cleudet de Assis Scherer[2]

[1] Professora Pedagoga – PDE 2013/2014
[2] Professora Mestre – UNESPAR – Campos de Campo Mourão

UNIDADE I

VIOLÊNCIA ESCOLAR

Nesta primeira unidade, abordagem será sobre a violência dentro e fora da escola de forma mais ampla para situar o leitor, em seguida abordaremos por meio de estudo dirigido os textos “Violência nas escolas” da autora Flávia Schilling (2008) e o texto “Violência e Educação” da autora Lizia Helena Nagel (s/d).

O dia a dia da vivência escolar tem revelado um aspecto crescente da violência e indisciplina entre os alunos transformando o foco das atenções de todos: professores, direção e pedagogos. Este trabalho se justifica no sentido de discutir a violência tentando amenizá-la e, principalmente, redimensionar o papel do pedagogo e canalizar sua atenção para a tarefa pedagógica.

Cabe neste momento pensar que diante do dilema da violência escolar não é possível ficar indiferente a este aspecto ou justificá-lo como normal, na tríade (professor/pedagogo/aluno) todos saem perdendo, uma vez que, a maior parte do tempo procura-se culpados, ora o aluno, ora a família, ora o professor, ora o pedagogo e ora o diretor. O cotidiano escolar está cada vez mais atendendo aos interesses do modo de produção capitalista, ou seja, fragmentado e impotente diante da violência, vazio de conteúdos essenciais para formação humana dos filhos de trabalhadores, conteúdos esses, que poderiam contribuir para a construção de relações voltadas ao respeito.

É verdade que não é possível se eximir dos efeitos desastrosos que a violência gera dentro da escola, e, também, que a instituição escolar não conseguiria dar conta de resolver sozinha essa questão complexa, todavia, é necessário discutir alternativas que diminuam estes impactos. Nessa perspectiva, entendemos ser importante desenvolver um efetivo trabalho pedagógico perpassando o conteúdo científico desenvolvido em sala de aula, de modo que, por meio da mediação do professor, o aluno se aproprie desses conhecimentos e consiga estabelecer relações no seu cotidiano dentro e fora da escola.

Existe um jargão bastante presente no meio escolar de que o pedagogo e também os professores ficam o tempo todo “apagando fogo”, sendo assim, por conseguinte, o pedagogo

deixa de organizar, planejar e acompanhar o trabalho pedagógico bem como os professores transferem para segundo plano sua função primária de transmitir o conhecimento produzido historicamente. Ao invés de incendiar, não no sentido negativo que na vida real gera danos terríveis na natureza e no meio urbano, utilizaremos a alegoria no sentido positivo de estimular, encantar, atear fogo nos corações dos alunos com o intuito de despertar o desejo do aprendizado. Passam, portanto, de incendiários à bombeiros. Cabe ressaltar que não é uma crítica a profissão de bombeiro, ao contrário esta profissão é uma fábrica de heróis e tem realizado um grande trabalho. Talvez possamos com estes profissionais aprender, principalmente quanto ao trabalho preventivo, com planejamento e formação constante. Neste momento o termo será utilizado de maneira negativa onde apagar o fogo passa a ser uma ação que demanda tempo e sem nenhum resultado efetivo, apenas pontual.

No dia a dia do trabalho escolar, o pedagogo passa a maior parte do seu tempo "apagando fogo", ou seja, atendendo situações que vão desde o desrespeito aos colegas e professores, xingamentos, a situações mais agravantes como, brigas, bullyings e depredações do patrimônio público. Situações que demandam tempo com encaminhamentos que envolvem famílias, conselhos tutelares e, por vezes, até a polícia.

Nesse contexto, o pedagogo deveria incendiar o coração do professor e consequentemente o professor o coração do aluno, mas, quando se depara com o incêndio da indisciplina e da violência escolar em suas várias vertentes, todo o processo fica fragmentado e, consequentemente, fragilizado, não ocorrendo assim o papel de incendiários, dando início ao drama de bombeiros no espaço escolar, criando, portanto, um pesadelo ao invés do sonho pelas chamas do conhecimento que transforma o sujeito.

Frente a essas reflexões e questionamentos, temos como mola propulsora a seguinte questão: Qual é o papel do pedagogo na escola pública: ser um bombeiro ou um incendiário?

A violência tem crescido nas mais diferentes esferas da sociedade, anteriormente vista apenas como 'prerrogativas' das camadas pobres e relacionadas a pessoas negras. Hoje, presente em todas as camadas sociais, tem sido explorada pelos meios de comunicação e redes virtuais muito mais por sensacionalismo do que na busca de suas causas e efeitos.

Alguns autores pesquisados consideram necessário avançar à discussão deste tema, entre eles, Madeira (1999) ao alertar que as questões de ordem socioeconômicas não são suficientes para explicar a violência. Há teses que atribui o crescimento desta devido à chamada "cultura do individualismo", que não admite limites, que aumenta o crime, que desfaz famílias, nas quais os pais têm dificuldades de colocar limites nos filhos, ou seja, uma sociedade onde ninguém se responsabiliza pelo outro. Todos estes aspectos, conforme a

autora mimetizam o trabalho pedagógico, penalizando ainda mais os alunos, especialmente os da escola pública, que seguem mais uma vez em desvantagem na ordem social vigente.

E como encontrar ações efetivas na minimização deste tão grave problema? As estatísticas apresentam dados avassaladores, são apresentadas em jornais, revistas, livros e outros, contudo, não tem sido suficientes para sensibilizar os governantes, que por sua vez alegam que são casos isolados, mas, as consequências são devastadoras em todos os âmbitos da sociedade. É necessário pensar em ações eficazes, uma vez que a violência representa o total desrespeito, desumanização e porque não dizer, a própria degradação humana. Conforme Aquino (2000, p. 160),

> Violência, aqui passa a designar um amplo espectro de danos impingidos a outrem, em determinada situação relacional; danificação esta que pode comportar diferentes alvos: desde a integridade física e ou moral, passando pelos bens materiais, até a participação simbólica e ou cultural daquele.

A violência está presente na sociedade e também na escola, e esta tem como princípio norteador o conhecimento, que deveria humanizar o sujeito, e ao que parece, tem travado inúmeras lutas com a violência, como: desrespeito, agressões, ameaças, xingamentos, brigas, bullyings, depredações do patrimônio público e drogas, neste quadro professores e pedagogos têm se portado como bombeiros tentando apagar este tenebroso incêndio.

Como afirma Nagel (s/d, p.2),

> Diante desses fatos, os sujeitos produtores dessa cultura passam a apresentar dúvidas sobre os comportamentos vigentes, enquanto geradores de ansiedade ou insatisfação. Os comportamentos atuais, obrigados na esfera inconteste da liberdade para agir sem limites, sem normas, tornam-se objeto de reflexão de muitos cidadãos.
> Neste contexto, os comportamentos indesejados começam a ser descritos, com maior clareza e profundidade, como típicos de uma época.

Diante do exposto é preciso estar atento e cauteloso quanto à alegação que as coisas ou os comportamentos são um fim em si mesmo, ao contrário, manifestam um tempo e uma cultura que correspondem ás exigências dos dias atuais, de um capitalismo atrelado ao individualismo que busca um prazer imediato, descompromisso com o outro, geração desmotivada para qualquer tipo de trabalho, falta de perspectiva para si mesmo ou apatia diante do futuro, banalização da morte e indisponibilidade para qualquer reflexão. Esta geração descomprometida com o outro é a que está presente na escola.

Muitos responsabilizam a escola pelos atos de violência nela ocorrida, especialmente a mídia que segundo Madeira (1999) tem o efeito de culpar e gerar medo na sociedade. É importante considerar que a escola não dará conta deste aspecto sozinha, a violência perpassa também pela forma de produção capitalista, na qual o ter sobrepõe ao ser. A escola é uma parte neste processo de humanização, ela precisa ser um palco para as discussões na formação humana, onde todos, dentro e fora dela, precisam conhecer, discutir e apontar caminhos que diminuam os impactos da violência em seu meio.

O conhecimento deve ser trabalhado não de forma fragmentada, uma vez que, este não está a serviço da classe trabalhadora, ao contrário, responde muito bem aos interesses capitalistas que desumanizam o indivíduo. Cabe à escola, ser uma instituição cujo papel consista na socialização do saber sistematizado, conforme explica Saviani (2003, p.14) "portanto, a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo: ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à cultura popular".

Coadunando com Libâneo (2010) quando afirma nesta mesma direção que à escola tem este papel socializador concorrendo com todas as outras instâncias de socialização como a mídia, o mercado cultural, o consumo. Tudo isto acentua e separa a cultura do conhecimento das culturas juvenis, que por sua vez tem resistido a qualquer ideia de esforço, estudo, trabalho, temperança, persistência e paralelo a tudo isso os professores não sabem como motivar os alunos, como conter a indisciplina e os atos de violência e as supostas soluções são paliativas.

Neste mesmo sentido segundo Aquino (2000), a escola deve voltar-se para o conhecimento acumulado, mas também ser espaço de socialização e convívio coletivo, onde todos são iguais, portadores de deveres e direitos, na qual os sujeitos são singulares, mas, fazem parte de um espaço coletivo.

Se a sociedade está assim organizada com muitas contradições, não seria diferente na escola com o crescente individualismo, a busca do bem estar social e não coletivo, não apenas dos interesses capitalistas, mas também individualista acentuando ainda mais a violência social, percebida no âmbito escolar.

Nagel (s/d, p.2), em seu artigo violência e educação, evidencia a escola como uma corporação importantíssima para a preservação dos direitos humanos, no combate a violência, no dever de respeitar o direito dos outros. Devendo, portanto, a escola observar, respeitar, descrever, analisar, debater, questionar e divulgar o crescimento da violência dentro e fora

dela. Bem como, desenvolver em seu interior noções de direitos e deveres pautados no respeito coletivo. Segundo a autora:

> [...] dentro da escolha de priorização dos direitos do indivíduo em relação aos deveres para com os outros, as normas disciplinares, por exemplo, são muitas vezes decodificadas com meras situações de constrangimento dos estudantes; o que não deixa de sugerir a tradução do Estatuto da Criança e do Adolescente como uma Carta de Direitos sem Deveres como um contrato de mão única! É por essa opção teórica, cultural, que tanto o processo pedagógico quanto o professor são imediatamente responsabilizados pela indisciplina ou pela violência na escola. Afinal, ambos seriam, simploriamente, percebidos como "não ajustados à modernidade solicitada pelos comportamentos próprios à juventude cibernética"! Sem contradição, inverte-se hoje, a posição do educador e educando, reconhecendo-se o último como aprendente, autônomo que se auto gestona.

Cabe a escola na organização do trabalho pedagógico, tarefa do pedagogo, articular o seu trabalho não no 'apagar fogo', ser bombeiro. Nesta direção Pérez Goméz (1998), propõe que, para quebrar esse processo reprodutor a riqueza do próprio conhecimento, como um instrumento para analisar e compreender as características, os determinantes e as consequências do processo de socialização reprodutora. A escola deve se valer deste poderoso instrumento o "conhecimento" para debater abertamente com a comunidade escolar todas as facetas deste modo de reprodução das desigualdades presente na escola, é necessário pensar em igualdade de condições. Cabe também à escola na esfera social, econômica e política dar o suporte aos alunos para refletir, interpretar a realidade por meio da socialização do conhecimento, para que o aluno questione, compare e reconstrua suas preconcepções, por meio também do diálogo, do respeito e da solidariedade.

De acordo com Schilling (2008, p. 18),

> A escola não está condenada a reproduzir a pobreza ou a violência social [...] O que cada um pode fazer e que lhe compete fazer? Qual será o papel do estudante, do professor, da direção, dos pais, do Estado? O que compete a cada um? A partir de explicação de nossas funções, é possível propor acordos e formular algumas promessas. É possível ter um projeto, determinar prioridades, pontos de partida e de chegada, determinando quem pode fazer, o que pode fazer, quando e com quem. A ideia é de reverter o sentimento de estudarmos/trabalharmos em uma escola desvalorizada, construindo pontes e conexões internas e externas que possam auxiliar. Estas conexões, porém são possíveis, a partir da descoberta da potência da instituição, da determinação – coletiva e democrática – do seu eixo de mudança e trabalho.

Cabe, portanto, neste momento a partir desta citação iniciar a discussão e reflexão de qual é o papel da escola frente à violência escolar?

1º - ENCONTRO

Nesse primeiro contato com os pedagogos e professores apresentaremos a proposta de intervenção, elucidando seus objetivos. A seguir faremos a leitura da introdução desse caderno pedagógico que tem como objetivo iniciar as discussões sobre a violência escolar.

REFLEXÃO

1 – O que é violência?

2 – Quais são as consequências da violência no âmbito escolar?

3 – Quais são os limites e as possiblidades frente à violência escolar?

4 – Avaliação do Encontro.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

NAGEL, Lizia Helena. A educação dos alunos (ou filhos) da pós-modernidade. Mimeo. S/D. Centro Universitário de Maringá (CESUMAR).

2º - ENCONTRO

Nesse segundo encontro abordaremos o texto Violência nas escolas: Explicitações, Conexões da autora Flávia Schilling, (2008) - (Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). O texto está presente nos Cadernos Temáticos Desafios Educacionais Contemporâneos, disponível: (www.educadores.diaadia.pr.gov.br).

A autora inicia a discussão sobre a violência nas escolas para refletir qual a função da escola e suas possibilidades de educar neste momento histórico.

Segundo Schilling (2008), desde a década de 90 começa a ocorrer mais discussões sobre a violência escolar que vão desde agressões verbais, brigas, roubo, furto, indisciplina, agressão física, moral, depredação do patrimônio público, discriminação dentre tantos outros. Sendo assim, de acordo com a autora é necessário pensar sobre esta temática para saber o que ocorre por trás das inúmeras queixas dos personagens que fazem parte da escola (professores, alunos, diretores, pedagogos e funcionários).

Para analisar e discutir as causas da violência escolar, a autora analisou a realidade escolar e levantou um diagnóstico de que havia necessidade do fortalecimento do coletivo escolar na discussão da violência no interior da escola, deveria se buscar um Projeto Político Pedagógico menos fragmentado oriundo da rotatividade de professores, direção e equipe pedagógica, que não estabeleciam vínculos com a comunidade escolar.

O trabalho na escola partiu de dois princípios, primeiro explicar a que viemos, o que fazemos, qual a nossa proposta, o que cada instância pode fazer e o segundo conectar os adultos, pais e jovens em torno de um projeto comum na construção de um escola melhor.

Para responder a questão primeira: A que viemos? Schilling lança mão de vários autores como Bourdieu, Dubet, Martuccelli e Leão para colocar duas teses centrais, a primeira de que os alunos não são indivíduos abstratos, mas, são autores sociais e mais ou menos rentáveis ao mercado de trabalho e que as condições entre estes não são igualitárias. E em segundo lugar que a escola não é uma instituição neutra, uma vez que representa as crenças, os gostos, valores de um grupo, e sua função é integrar (socializando novos membros), distribuição (segmentos de um mercado) e subjetivação (identidades que ligam a cultura escolar a papéis sociais), aspectos estes que ocorrem de forma conflituosa.

Assim sendo, para estes estudiosos quando não ocorre estas três funções, surge um questionamento, para que a escola? Deveria ocorrer uma percepção de utilidade, identificação com ambiente e interesse intelectual e quando não há algum destes elementos não ocorre a identidade com a forma, cultura escolar e nenhum interesse intelectual.

A escola segundo o relato descrito no texto é uma escola pública da cidade de Belo Horizonte – MG, a escolarização para os jovens estudantes desta escola passou a mostrar que a socialização era parcial gerando o sentimento de não pertencimento, mesmo reconhecendo que a escola poderia promover em suas vidas um futuro melhor. A desmotivação quanto à aprovação automática, quanto ao conteúdo do menos esforço, a rotatividade de professores, uma escola precária, ausência de normas e regras, de uma educação pobre para os pobres. Passaram a ver a escola como um lugar sem expectativas de mobilidade social. Mas esta pesquisa revelou que a escola ainda é um espaço significativo, importante para o combate a violência naquele bairro.

A proposta de Schillling (2008), é explicitar a relação de utilidade dos estudos, e que a escola deve ser um espaço humano, democrático e solidário, permitindo assim uma identidade escolar de pertencimento e consequentemente de conhecimento que aproxime a teoria e a prática.

Quando a escola compreende o seu papel de integrar, distribuir e de subjetivação não na reprodução das desigualdades, o desafio será receber os mais novos (alunos) com a perspectiva de estabelecer trocas, discussões que os instigue o interesse pelo conhecimento produzido pela humanidade. Sendo o professor o interlocutor desta relação por vezes conflituosa, pois pode ocorrer entre os saberes, entre as gerações, de raça, de gênero, de raças de religiões dentre outros. Todavia deve ser superadas não de maneira violenta, mas na busca de mediá-las sem violência, discutindo e refletindo como uma resposta necessária aos conflitos no dia a dia escolar.

Após abordar o trabalho desenvolvido diante dos conflitos do cotidiano escolar, Schilling (2008), aborda a violência contra a escola, da escola, explicitando que existem fatores externos e internos que geram práticas violentas.

A autora considera que tais práticas contra a escola podem ser por ex-alunos, alunos que estudam na escola e não encontram utilidade na escola, ações de descaso por parte dos governantes ou gestores quando há abandono do prédio ou desvio de verbas, quando os salários são baixos, despreocupação com as condições de trabalho, turmas lotadas, grande rotatividade de professores e o aumento da insegurança gerando desorganização.

Segundo o texto, a violência da escola se apresenta na forma da discriminação seja por sexo, raça, social e outras. Mas também pela ausência de ensino, gerando um espaço sem sentido, pois não o compromisso de quem ali trabalha.

A violência conforme Schilling (2008) pode ser praticada por alunos contra alunos ou por alunos contra o professor, que reforça a desigualdade, onde o espaço fica preenchido por pessoas estranhas entre si que se desconhecem.

De acordo com a autora, isso é o reflexo da impossibilidade de responder o que estamos fazendo e a que viemos neste local social que é a escola, daí a necessidade de estabelecer as conexões com este espaço, que é a escola.

Ainda segundo Schilling (2008), a escola não está fadada a reproduzir a pobreza ou a violência social cabe explicitar e estabelecer conexões quer teóricas entre o conhecimento produzido e a prática, entre os alunos, entre os adultos e também com os setores externos. É necessário definir os papéis de cada parte o que compete a cada um fazer? Qual o lugar do aluno, do professor, direção, pais e do Estado? Assim como ponto de partida explicitar as funções e propor um projeto estabelecendo as prioridades, buscar uma escola mais valorizada, e realizar as conexões de maneira interna e externa, com o objetivo de uma instituição coletiva e democrática.

REFLEXÃO

1 – Qual a função da escola segundo o texto?

2 – Quais as causas apontadas no texto que podem gerar a violência escolar?

3 – De acordo com o texto como estabelecer as conexões que auxilie professor e aluno na resolução de conflitos?

4 – Avaliação do Encontro.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

ALMEIDA, José Luciano Ferreira. Violência escolar e a relação com o conhecimento e a prática docente. Enfrentamento à Violência, Cadernos Temáticos dos Desafios Educacionais Contemporâneos, 59-67p, 2008. Disponível em: www.educadores.diaadia.pr.gov.br

FILME SUGERIDO

Filme: ‘Bang, bang! Você morreu!’ do diretor Guy Ferland, 2003.

3º - ENCONTRO

Nesse encontro a proposta é estudar e refletir sobre o texto “Violência e Educação” da autora Lizia H. Nagel, com o objetivo de compreender melhor o tema.

O texto aponta o crescimento da violência e a fragilidade em detectar efetivamente suas causas, e as ações governamentais para resolver a questão são isoladas e ineficientes.

Para Nagel (s/d), contraditoriamente é um tema bastante explorado pela mídia que dispõe programas para ensinar como colocar limites nos filhos como a “Super Nanny”, também tema debatido por psicólogos e outros que não fazem parte da vivência escolar. No entanto, para a autora essa tarefa deve ser pensada, debatida pela escola com intuito de minimizar o problema, não se eximindo desse debate tão necessário.

Para Nagel (s/d), é muito forte o sentimento de impotência dos profissionais da educação frente à violência/indisciplina e nesse aspecto cita autora Tânia Zagury autora do livro “O professor refém”, um dos poucos livros que trata que a formação de sujeitos para viver em sociedade é um grande desafio. Tal aspecto é visível diante dos vários profissionais que têm sua saúde mental abalada, no entanto, esse fato não é estudado e nem analisado.

O texto “Violência e Educação” aponta uma pesquisa de Richetti, Siqueira e Rizotto (2008) sobre “Principais doenças que acometem professores da rede estadual de educação no âmbito da 10º Regional de Saúde – Paraná – Brasil”. Essa pesquisa revela que 30,42% dos professores são afastados por Transtornos Mentais e Comportamentais. Dado que já foi divulgado pela mídia, que tais afastamentos são oriundos da ideia de irresponsabilidade profissional, ficando o professor mais uma vez responsabilizado pela desordem escolar.

Nesse caso do professor culpado pela sua exaustão emocional é considerado como desinteressado pelo outro, é indiferente com suas atividades, falta de desejo de cooperação, fuga do companheirismo, sensação de abandono e dentre outros; aspectos ignorados pelos governantes na prática pedagógica.

O espaço escolar tem produzido vítimas como os professores, os alunos devido ao bullying, comportamentos insolentes, grosserias, palavrões, causando danos terríveis, a referência deveria ser educar, respeitar, enfim a função da escola tem se perdido em meio a tudo isso, tem sido um espaço preenchido por estranhos entre si. O que de fato está sendo ensinado nas escolas?

Nesse artigo a autora faz três indagações a primeira: Por que o sistema educacional como um todo que tem em seu projeto educacional na formação do cidadão, não apresenta políticas que condene a violência nas escolas? A segunda questão, por que os órgãos competentes não oferecem apoio aos professores diante de tantas reclamações? E por fim, quais premissas pedagógicas estão sendo sustentadas no Brasil que contribuem para o descompromisso com o outro?

Para Nagel (s/d), a primeira questão tem haver com um Brasil comprometido com o neoliberalismo, que desde os anos 90 tem reforçado os princípios da individualidade e não da coletividade. E segundo vários autores essa individualidade é reforçada quando toda e qualquer tipo de coerção é repudiada, o que importa é a satisfação individual, e não coletiva e todo ato regulador é entendido como uma forma de tirania.

A autora defende que na educação isso se manifesta do abandono do que passou a ser chamada de educação autoritária para uma pedagogia voltada a liberdade do aluno ao seu prazer, importante para o sujeito liberal, uma escola voltada apenas à satisfação imediata. Onde a tolerância passa a justificar qualquer prática mesmo que absurda. A partir de então inevitavelmente e para além da escola as contradições desse modo de vida estão presentes no desempenho dos alunos e em práticas violentas.

Como justificativa segundo a autora, busca-se o apoio da “patrulha escolar” para diminuir a violência nas escolas, característica de uma análise equivocada da situação atual, porque não dizer da falta de reflexão diante dessa situação.

A autora Nagel (s/d), apresenta em seu texto os chamados intelectuais pós-modernos que reforçam o neoliberalismo pedagógico baseados em Nietzsche e de Foucault que afirmam: a) nada existe de absoluto, b) não há verdade moral nem hierarquia de valores, c) a verdade não é acessível ao homem, d) o homem é o sujeito e o objeto do próprio conhecimento, e) a vontade de poder se sobrepõe sempre á razão. Aspectos que levaram professores e alunos a ignorarem qualquer paradigma como marco necessário para a compreensão da própria vida.

Ainda cita os autores como Delors, Morin e Perrenoud que fazem críticas severas contra o autoritarismo e a favor dos direitos individuais dos alunos revolucionando as práticas

pedagógicas da escola. Para Delors o homem tem o poder de determinar o seu modo de vida independentemente das relações concretas que o cerca, na escola o aluno passa a estranhar e julgar sem significado o que o professor ensina e isso se estende também para as relações sociais que vão se tornando cada vez mais difusas.

De acordo com a autora, Perrenoud (2000) na proteção desses indivíduos estudantes afirma que e o aluno não precisa apresentar sempre atento, só aprender o que faz sentido para ele, não obedecer de seis a oito horas por dia, de não gostar da escola e dizê-lo, escolher com quem quer trabalhar, não manter todas as promessas e não cooperar para o seu próprio progresso.

Essas características são as estratégias para a formação do novo cidadão, que de maneira contraditória defende a autonomia e a liberdade tão presentes no meio escolar.

REFLEXÃO

1 - No texto "Violência e Educação" a autora questiona, diante desse quadro quais são as possibilidades de educar, de mudar e transformar comportamentos?

2 – Nagel, no texto, indaga como a escola pode reverter ações violentas na escola?

3 – De que maneira a o coletivo escolar, pode trabalhar sua concepção de homem descrita no Projeto Político Pedagógico?

4 – Avaliação do Encontro.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

LIBÂNEO, José Carlos. A escola brasileira em face de um dualismo perverso: Escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. Anais... X Encontro de Pesquisa em Educação da Anped, julho, 2010. Disponível em: http//www.scielo.br/pdf/ep/v38n1/aop323.pdf

UNIDADE II
FUNÇÃO DO PEDAGOGO E ARTICULAÇÃO PEDAGÓGICA

Nessa Unidade II, o foco das leituras e discussões é sobre o papel do pedagogo e sua articulação frente ao trabalho pedagógico, com vista ao ensino e aprendizagem, para superar o incêndio da violência. Por meio da organização do trabalho pedagógico proporcionar aos professores suporte pedagógico, como possibilidade de amenizar o incêndio da violência escolar.

Para nortear os próximos encontros estudaremos os seguintes textos: "O sentido da pedagogia e papel do pedagogo" e o texto "A construção dos conceitos científicos em sala de aula" do autor José Luiz Gasparin.

Para articulação do trabalho pedagógico, não é possível acontecer sendo bombeiros, mas um trabalho compartilhado por todos os atores escolares na mediação de um incendiário, do pedagogo.

Como afirma Pérez Goméz (1998, p. 26),

> É preciso transformar a vida da aula e da escola, de modo que possam vivenciar práticas sociais e intercâmbios acadêmicos que induzam à solidariedade, à colaboração, à experimentação compartilhada, assim como outro tipo de relações com o conhecimento e a cultura que estimulem a busca, a comparação, a crítica, a iniciativa e a criação.

É necessário que haja essa transformação na escola que o pedagogo sinta-se desafiado a conhecer e buscar mecanismos que o auxilie em sua função, conforme edital da Secretária de Estado da Educação assim define:

Ficam explícitas as atribuições do professor pedagogo, tais como;

> [...] - Coordenar a elaboração coletiva e acompanhar a efetivação do Projeto Político Pedagógico e do Plano de Ação da Escola;
> - Promover e coordenar reuniões pedagógicas e grupos de estudo para reflexão e aprofundamento de temas relativos ao trabalho pedagógico e para a elaboração de propostas de intervenção na realidade da escola;
> - Participar e intervir, junto à direção, da organização do trabalho pedagógico escolar no sentido de realizar a função social e a especificidade da educação escolar;
> - Sistematizar, junto à comunidade escolar, atividades que levem à efetivação do processo ensino e aprendizagem, de modo a garantir o atendimento às necessidades do educando;
> - Participar de elaboração do projeto de formação continuada de todos os profissionais da escola e promover ações para sua efetivação, tendo como finalidade a realização e o aprimoramento do trabalho pedagógico escolar;
> - Analisar as propostas de natureza pedagógica a serem implantadas na escola, observando a legislação educacional em vigor e o Estatuto da Criança e do Adolescente, como fundamentos da prática educativa;
> - Coordenar a organização do espaço-tempo escolar a partir do Projeto Político Pedagógico e da Proposta Curricular da Escola;
> - Orientar a comunidade escolar na proposição e construção de um projeto pedagógico numa perspectiva transformadora. (PARANÁ, n° 10/2007 p.2)

O papel do pedagogo nesta articulação pedagógica é de suma importância, este, deve estar presente nas diferentes esferas da escola sem perder de vista que sua trajetória é articular para que ocorra o ensino e aprendizagem. Nesta mesma direção Libâneo aponta que:

> Pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana definidos em sua contextualização histórica. Em outras palavras, pedagogo é um profissional que lida com fatos, estruturas, contextos, situações, referentes à prática educativa em suas várias modalidades e manifestações (LIBÂNEO, 2000. p.44-45).

Dentro dessa organização o pedagogo precisa articular o trabalho de acordo com as Diretrizes Pedagógicas Curriculares (PPC), que estão apoiadas no Currículo Básico (Diretrizes Curriculares Educacionais) DCEs, e estas têm um cunho histórico social, como citado anteriormente por Saviani (2003), à escola tem a ver com o conhecimento sistematizado e não o popular, por meio do currículo, assim pensado os alunos terão acesso ao conhecimento emancipador.

Além das Diretrizes Curriculares o pedagogo deve apoiar seu trabalho no Projeto Político Pedagógico, (PPP) sendo este um documento valioso para que a escola tenha clareza

de sua identidade, suas intenções, princípios, metas e por seus objetivos, pois é um projeto social. Primando-se de acordo com Veiga (1995) na superação de seus conflitos, buscando eliminar a competitividade, corporativas e autoritárias, derrubando assim do interior da escola a impessoalidade e a racionalidade burocrática presente em suas relações.

Cabe ao pedagogo articular seu trabalho de acordo com as PPC, PPP e também com o Plano de Trabalho Docente (PTD), que conforme o texto "O papel do pedagogo na Gestão: Possibilidades de Mediação do Currículo" apresentado aos pedagogos na formação continuada em 2008 ressalta que o PTD é a expressão da Proposta Pedagógica Curricular, que por sua vez expressa o Projeto Político Pedagógico. Sendo o PTD a representação escrita do planejamento do professor. É, portanto, um recorte do conteúdo selecionado, trazendo uma intencionalidade a partir dos critérios de avaliação. Há necessidade de clareza do que o aluno deve aprender (conteúdos), por que aprender (objetivos), como ensinar (metodologia) e como será avaliado (critérios e instrumentos de avaliação) durante o processo.

Ainda cabe considerar conforme Gasparin (s/d, p.2) em seu texto a "Construção dos conceitos científicos em sala de aula" que toda proposta acima citada é fundamental uma vez que auxilia o trabalho da escola bem como do professor, mas que esta tríade burocrático-administrativo-pedagógica não garante por si mesma o êxito pedagógico, é necessário considerar que o PTD contemple o conhecimento prévio do aluno, e a partir deste, organizar sua aula. É um aprender com o aluno propondo assim nas aulas situações-problemas nas quais o conhecimento deste se somará ao conhecimento científico proposto pelo professor, passando o aluno a reelaborar um conhecimento mais elaborado.

> Na realização desse processo, entra em ação o conhecimento do professor, sua preparação didática, sua capacidade de unir o conhecimento cotidiano do educando ao conhecimento científico, dando um passo adiante, realizando uma nova síntese, conduzindo o aluno a um novo patamar de compreensão da realidade estudada. Seu conhecimento cotidiano eleva-se ao científico, ao mesmo tempo em que o científico desce ao cotidiano. Este caminhar dialético constrói e reconstrói o conhecimento possibilitando e fazendo o desenvolvimento do educando (GASPARIN, s/d, p.2).

O autor ainda propõe o método dialético, no qual o trabalho pedagógico passa em primeiro lugar pela Prática Social (conhecimento do cotidiano), o segundo passo é a Teorização (dimensão científica do conteúdo), o terceiro passo é o retorno á Prática Social Final (conteúdo), que deverá transformar a realidade. Assim ocorre a construção do

conhecimento escolar: prática-teoria-prática, essa deve ser a trajetória que pedagogos, professores e alunos devem trilhar, na apropriação do conhecimento científico.

Assim posto, o pedagogo ‘incendiário’ colocando ‘fogo’, articulando a prática pedagógica em favor do professor, e este por sua vez aquecendo o coração dos seus alunos com o ‘fogo’ do conhecimento.

4º - ENCONTRO

Nesse encontro apresentaremos a introdução da Unidade II partindo da premissa do trabalho pedagógico, discutindo a função do pedagogo e a articulação pedagógica com o objetivo de atender o professor frente aos desafios em sala de aula, como uma possibilidade de minimizar a violência escolar.

REFLEXÃO

1 - O pedagogo é bombeiro ou incendiário?

2 - Quais são as expectativas dos professores quanto à função do pedagogo na escola?

3 - Quais são os limites e as possibilidades para articular melhor o trabalho pedagógico?

4 – Avaliação do Encontro.

5º - ENCONTRO

Nesse encontro será estudado o texto: “Sentido da pedagogia e papel do pedagogo” - Demerval Saviani (1985).

Esse texto foi proferido para os formandos do curso de pedagogia, representa assim uma síntese da função do pedagogo na escola pública. Inicialmente o texto aponta o que significa pedagogia que é literalmente aquele que conduz a criança, prática presente entre os gregos quando o escravo conduzia as crianças até aqueles que dariam os ensinamentos. Esse contato dos escravos com os responsáveis pelo ensino o tornava culto, por vezes mais que os seus donos. A partir de então os próprios preceptores são os educadores, os docentes. O texto relata que os romanos após conquistar à Grécia, deixa aos cuidados dos gregos à função de ensinar, devido a sua capacidade intelectual mesmo sendo escravos.

Os gregos definiam o vocábulo paidéia como o próprio ideal de cultura de cada cidadão que poderia se alcançar na sociedade. Portanto, pedagogia é a condução à cultura, sendo o pedagogo responsável por esse acesso, devendo organizá-lo, dominar as formas, os procedimentos e métodos, para apropriação do conhecimento. O pedagogo deve assim, zelar pela formação humana em um processo intencional e direcionado.

O pedagogo escolar precisa conhecer de maneira sistemática e intencional as formas de organização do processo de formação cultural dentro da escola. Conduzindo todos ao acesso do conhecimento sistematizado, ao conhecimento elaborado e não ao saber espontâneo. Sendo a função da escola, possibilitar o acesso ao conhecimento científico de maneira especial aos filhos da classe trabalhadora, considerada pelo Saviani (1985), “a única via de ingresso nesse tipo de cultura”.

A função da escola é possibilitar que o conhecimento científico seja transformado em saber escolar em um processo de ensino e aprendizagem, cabendo ao pedagogo essa especificidade, auxiliando o professor a transmitir o seu conteúdo na forma adequada para que o conteúdo seja aprendido.

> O desafio do pedagogo é superar as inúmeras tarefas que por vezes impossibilitam sua função primordial que é a transmissão do conhecimento sistematizado, fazer do tempo escolar valioso instrumento para difundir o conhecimento da humanidade. É necessário porque não dizer urgente que o pedagogo seja o profissional que organize o trabalho pedagógico de maneira que o ensino e aprendizagem alcancem níveis mais elevados (SAVIANI, 1985, p.28).

REFLEXÃO

1 – Conforme o texto de Saviani quais são as atribuições do pedagogo na organização do trabalho pedagógico?

2 - Dentre essas atribuições do pedagogo, quais você considera prioritária em sua prática docente?

3 – De acordo com o texto "Sentido da pedagogia e papel do pedagogo", acompanhar melhor o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Que tipo de tarefas do pedagogo você considera pouco relevantes e quais são relevantes para melhor acompanhamento dos alunos?

4 – Avaliação do Encontro.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

Texto: Que destino os educadores darão à pedagogia?

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e Pedagogos para quê?. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 2000.

SITE SUGERIDO

http://www.gestãoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/resenha/pedagogiapedagogo.pdf

VÍDEOS SUGERIDOS

Programa com Professor João Luiz Gasparin, Doutor pela PUC – São Paulo. Tema: A Organização do Trabalho Pedagógico no curso de formação de professores.

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/debaser/singlefile.php?id=606

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/debaser/singlefile.php?id=607

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/debaser/singlefile.php?id=608

6º - ENCONTRO

Nesse encontro discutiremos sobre As concepções: Construtivistas e Histórico-crítica.

Para enriquecer a discussão teremos a oportunidade de receber a Professora Mestre Cleudet de Assis Scherer, professora da Unespar – Campo Mourão, orientadora deste Projeto de Intervenção.

Após a discussão, assistiremos em vídeo: a palestra do Professor Doutor João Luiz Gasparin. As concepções: construtivista e histórico-crítico. Disponível em:

REFLEXÃO

http//www.youtue.com/watch?v=pxMIN8GSEaA

1 – Conforme apresentado por Gasparin qual é a relevância da pedagogia hitórico-crítica no processo ensino e aprendizagem?

2 - Avaliação do Encontro.

7º - ENCONTRO

Apresentaremos nesse encontro o texto: A construção dos conceitos científicos em sala de aula do autor João Luiz Gasparin (2005). Disponível em: http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/palestraConferencistas/a_construcao_dos_conceitos_cientifcos_em_sala_de_aula.pdf

O texto inicia apontando que mesmo que haja um bom planejamento, conhecimento científico e metodologia adequada não garantem que o aluno aprenderá. Existem outras variáveis que interferem na aprendizagem, são fatores de ordem social, econômica, cultural, ambientais e educacionais que podem facilitar ou dificultar o processo. Diante desta situação, o desafio é ensinar individualmente a todos. Surge a necessidade de propor situações-problemas que vão instigar o aluno a refletir, inventar e construir novos conceitos, é primordial ouvir o aluno (conhecimento prévio) para avançar além do que já domina (conhecimento científico).

Para que este processo ocorra é importantíssimo o professor, sua didática de unir o conhecimento cotidiano do aluno ao conhecimento científico, levando o aluno ao um nível maior de compreensão.

Assim ocorre o processo dialético do construir e reconstruir o conhecimento, no qual o papel do professor é conseguir chegar ao nível do aluno, sem perder de vista o conhecimento científico, neste processo, ambos aprendem.

Gasparin (2005) conceitua a partir dos dicionários o que é o conceito científico, ressalta que a definição deste conceito é complexa, e ao mesmo tempo, dinâmica, uma vez que tem a ver com tempo, lugares, teorias dentre outros. Para ensinar conceitos científicos é necessário situar o mesmo dentro da ciência, da filosofia e da teoria, com objetivo do que se pretende ensinar. Diante disso não dá para ensinar o conceito pelo conceito ou ensinar o que está pronto e acabado como no livro didático. No ensino, existe uma intencionalidade, na apropriação do conhecimento é preciso ressaltar que este é histórico, não é neutro e mutável.

Todo conhecimento científico universal carrega uma marca quer da classe burguesa, dos trabalhadores, religiosa e cultural de um tempo histórico que precisam ser vistos dentro deste momento histórico, assim os alunos poderão compreender a realidade dentro da sua especificidade.

O professor nesta relação é o mediador, que não pode impor o seu conhecimento em detrimento ao do aluno que por vezes tem base científica e não apenas do senso comum,

cabendo ao professor fazer as ligações entre o conhecimento do aluno e apresentar um novo conhecimento científico que deseja construir com este, para que o aluno consiga realizá-lo de forma autônoma.

O texto aborda alguns elementos da Teoria Histórico-Cultural para melhor compreensão histórica dessa teoria. Segundo estudiosos essa teoria teve seu início com os estudos realizados por Vigotski no período da Revolução Socialista russa (1917), onde duas classes a campesina e a operária se unem contra o imperialismo capitalista. Buscavam apesar de interesses diferentes uma sociedade socialista, a partir desse modo de ver e sentir das duas classes Vigotski, dentre outros estudiosos perceberam como o desenvolvimento da psiquê pode alterar as relações entre os sujeitos, visto como fato histórico-social, possibilitando o princípio da unidade entre a teoria e prática.

Isso significa que as transformações humano-materiais geram mudanças na mente, nas funções psicológicas superiores (consciência, o pensamento, o raciocínio, a atenção e a memória), que podem ser alteradas, uma vez que possuem natureza sócio-histórica e não inatista vigente na época.

O método dialético implica a maneira de analisar e compreender as contradições da realidade e que estão sempre em mudanças. O desenvolvimento do pensamento se dá por tese, antítese e síntese, isto constitui a dialética, que visa mostrar as contradições sociais e resolvê-las no percurso histórico.

> O requisito básico do método dialético, portanto, é o estudo dos fatos e das coisas em seu processo dinâmico de mudança permanente. Desta forma, este método aplicado à educação escolar é o processo pelo qual o conhecimento científico realiza o movimento: síncrese-análise-síntese, onde síncrese significa o novo conhecimento concreto-empírico, enquanto análise expressa a teorização, as abstrações, a reflexão, e síntese é o novo conhecimento elaborado, o concreto pensado, visto em suas múltiplas determinações. Em outras palavras, do concreto real empírico, pelas mediações da abstração, chega-se ao concreto pensado. (GASPARIN, 2005)

Assim o método dialético pode ser colocado em prática contribuindo para o ensino e a aprendizagem, uma vez que parte da Prática Social, do conhecimento do aluno, o segundo momento é a Teorização, o conteúdo científico, no qual orientado pelo professor fará as ligações entre o que sabe e o conhecimento elaborado historicamente. O terceiro passo à

Prática Social Final, o conteúdo aprendido deve ser usado para alterar a realidade. São três fases do método dialético para o saber escolar: prática-teoria-prática.

Gasparin (2005), cita que para Vigotski o aprendizado da criança perpassa pela mediação do adulto, assim não aprende sozinha, na escola é o mesmo processo no qual o aluno aprende pela mediação do professor, quanto à aprendizagem de conceitos científicos, elevando assim seus níveis de conhecimento a um novo patamar. Neste sentido, a medida que o pensamento em conceitos se desenvolve o aluno compreende melhor a realidade, sua vivência e percepção enquanto sujeito e quanto aos outros sujeitos.

De acordo com essa teoria quando o aluno passa da fase infantil para a adolescência, ocorre à influência do meio no desenvolvimento do pensamento. Os condicionantes externos como a linguagem, comportamento, a conduta, os sentimentos com o tempo passam a ser pessoais e internos de cada jovem. Por isso a aprendizagem vai além dos anos que antecedem o saber escolar e são incorporados por toda a vida, denominado o conceito de zona proximal ou zona de desenvolvimento imediato.

Essa zona de desenvolvimento proximal/imediato é estabelecida em dois níveis: primeiro consiste em tudo que a criança ou jovem realiza sozinhos, representa os avanços mentais que o aluno já atingiu. O segundo é o nível potencial, que são as funções que ainda serão desenvolvidas, é a perspectiva de outro nível que será real após a mediação do professor, indicando assim, outro nível de desenvolvimento mental mais elevado que o primeiro.

O processo de ensino e aprendizagem nessa compreensão tem como ponto de partida a mediação do professor, no entanto não é única, pois as crianças aprendem também quando são mediadoras com aquelas que ainda não compreenderam, a aprendizagem ocorre de forma coletiva, social e posteriormente torna-se pessoal, individual sendo uma função psíquica superior.

Gasparin (2005), a partir desse referencial teórico-metodológico da Teoria- Histórico-Cultural faz uma proposta de ensino e aprendizagem dos conceitos científicos em sala de aula como possibilidade de apropriação do conhecimento científico.

Para a elaboração do trabalho docente a primeira tarefa do professor é saber o que os alunos sabem sobre o tema a ser estudado. Depois definir o que se espera que os alunos alcancem, no ensino de conceitos científicos passa pelos seguintes níveis,

1 – Conceito inicial do aluno

É o que aluno já aprendeu anteriormente, é a ideia que tem do assunto e a maneira que comunica isso com os outros no dia a dia independente do aspecto científico, professor e aluno anotaram o que sabem sobre o assunto. Esse momento é coletivo, social é o primeiro passo para a aprendizagem subjetiva, pessoal, intrapessoal.

2 – Conceito dos manuais didáticos

Todos os materiais adotados na escola com livro didático, apostilas ou documentos trazem os conteúdos a serem trabalhados e aprendidos pelo aluno. Cabe ao professor como mediador analisar esses materiais e verificar se estão de acordo com os conceitos científicos que deseja que o aluno aprenda. E também se as atividades propostas partem da vivência social dos conteúdos para o uso extra-escolar do conteúdo. O professor registrará para analisar o que os alunos apresentaram.

3 – Conceito cotidiano do professor

O professor passará ao aluno o que aprendeu com sua vivência social, nos manuais, é a elaboração mental do conteúdo científico-cultural. Sendo sua maneira de relacionar com seu cotidiano e com seus alunos.

4 – Conceito científico

É a representação mais ampla, universal e sistematizada do saber que já foi construído historicamente. Esse conhecimento científico deve ser o referencial maior para a prática docente, elevar o conhecimento do aluno a níveis superiores.

5 – Conceito final possível do aluno

O conceito científico-cultural é o limite do trabalho escolar o conceito final do aluno, é o limite provável desenvolvido com os colegas e a mediação do professor. Este limite não significa reduzir o nível de conhecimento, é o parâmetro estabelecido do grau de desenvolvimento que o professor estabelecerá na aprendizagem de determinado conceito. Por

meio da avaliação o professor perceberá o quanto o aluno se aproxima do conteúdo científico. Tal prática se realiza por um longo e árduo caminho no qual o professor é o mediador desse processo de ensinar e aprender.

REFLEXÃO

1 - Conforme o texto o professor é o mediador do conhecimento científico, como possibilitar dentro do método dialético a participação do aluno e a mediação do professor para melhor aprendizagem?

2 - O texto apresenta que dentro do método dialético há três fases, quais são e como podem auxiliar a prática docente?

3 - Como definir de acordo com o texto a zona de desenvolvimento proximal/imediato e o nível potencial?

4 – Avaliação do Encontro.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

GASPARIN, João Luiz. Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica. 3ª ed. rev. Campinas, S.P: Autores Associados, 2005.

8º - ENCONTRO

A proposta para esse encontro é a elaboração de um Plano de Trabalho Docente. Segue as orientações para elaboração de um projeto de construção dos conceitos científicos em sala de aula. (GASPARIN, 2005)

1 – PROJETO DE CONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS CIENTÍFICOS EM SALA DE AULA

IDENTIFICAÇÃO

Instituição:

Professor(a):

Disciplina:

Unidade de conteúdo:

Conceito científico a ser trabalhado:

Ano letivo: Bimestre: Horas-aula:

PASSOS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO:

1 – Ouvir os educandos para saber qual o conceito que eles têm do tema escolhido. Anotar seu conceito.

2 – Transcrever o conceito que os manuais didáticos trazem.

3 – Escrever o conceito cotidiano que o professor tem do tema selecionado.

4 – Escrever o conceito científico com que vais trabalhar.

5 – Formular o novo conceito possível/provável a que o educando poderá chegar após o trabalho de sala de aula.

6 – Elaborar um objetivo específico para o ensino do conceito científico escolhido (o aluno aprende o quê? Para quê?).

7 – Determinar e escrever todas as ações mentais ou físicas – as do professor e as do aluno – que julga necessárias para a construção do conceito. Exemplo: relatar, dizer, explicar, distinguir, confrontar, identificar, elaborar, selecionar, investigar, descrever, fundamentar, utilizar, etc.

8 – Distribuir as ações escolhidas nas três fases do processo, explicitando quais são do professor e quais pertencem aos alunos:

a) Ações do professor e dos alunos para verificar a PRÁTICA social inicial: o que a criança já sabe. Nível de desenvolvimento atual do conceito.
b) Ações do professor e dos alunos para elaboração da TEORIA: construção do conceito científico-cultural. Zona de desenvolvimento imediato. A conclusão do aluno será o novo conceito a que ele pode chegar.
c) Ações do professor e dos alunos para colocarem em PRÁTICA o novo conceito. Novo nível de desenvolvimento atual: uso do novo conceito.

9 – Na elaboração do projeto, em cada uma das três fases – prática, teoria, prática – é necessário anunciar as ações do professor e dos alunos, especificando as operações mentais ou físicas necessárias e a respectiva descrição dessas ações explicitar a ação – o verbo – e dizer o que ela significa. Esse processo possibilita ao professor tornar mais claro seu processo de trabalho e determinar com maior precisão as atividades que os alunos realizarão.

REFLEXÃO

1 – Os passos propostos por Gasparin para a construção de conceitos científicos em sala de aula auxiliaram na elaboração do Plano de Trabalho Docente?

2 – Quais foram as maiores dificuldades para elaboração do Plano de Trabalho Docente de acordo com os passos propostos por Gasparin?

3 – Avaliação do Encontro.

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Essa Unidade Didática é uma produção para os gestores, pedagogos e professores das escolas públicas, com o objetivo de auxiliar o trabalho pedagógico nelas desenvolvidas. Foram abordadas duas premissas importantes, a primeira quanto a Violência Escolar, com base no referencial teórico e nas discussões propostas, verificamos sua presença na sociedade e na escola, furtando a atenção de todos. O pedagogo tenta apagar esse incêndio que fragmenta o seu trabalho, essa problemática necessita de mais embasamento teórico, para que ocorram reflexões que auxiliem a prática docente no sentido de organizar de maneira teórica e prática as aulas uma vez que a violência interfere diretamente nas relações escolares e consequentemente na aprendizagem.

A violência escolar é um limite para a escola, mas como possibilidade de minimizar essa problemática, esse trabalho propõe a segunda premissa que é a organização do trabalho pedagógico.

Cabe ao pedagogo refletir, mediar o processo educativo auxiliando os professores com embasamento teórico-prático com o objetivo de analisar e planejar o Plano de Trabalho Docente (PDT), proporcionando aos alunos a apropriação do conhecimento, que por sua vez, humaniza o sujeito, e esse humanizado, estabeleça relações de respeito.

A proposta desse trabalho é a partir dos referenciais da Pedagogia Histórico Crítica, utilizar da didática elaborada por Gasparin (2005), os conceitos dos alunos, os conceitos científico e agregá-los a um conhecimento mais elevado (prática-teoria-prática) e como resultado dessa prática, possibilitar que o pedagogo incendeie com o conhecimento o professor, que por sua vez, incendiará seus alunos com o conhecimento produzido pela humanidade, fundamental para compreender o mundo e suas relações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Luciano Ferreira**. Violência escolar e a relação com o conhecimento e a prática docente.** Enfrentamento à Violência, Cadernos Temáticos dos Desafios Educacionais Contemporâneos, 2008. Disponível em: <http//www.educadores.diaadia.pr.gov.br.>. Acesso em 28 out. 2013.

AQUINO, Júlio Groppa. **Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2000.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 3ª ed. rev. Campinas, S.P: Autores Associados, 2005 <http//www.youtue.com/watch?v=pxMIN8GSEaA>. Acesso em 10 out. 2013.

_____, **A construção dos conceitos científicos em sala de aula**. S/D. Universidade Estadual de Maringá (UEM).

_____, **A construção dos conceitos científicos em sala de aula** (2005). <http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/palestraConferencistas/a_construcao_dos_conceitos_cientificos_em_sala_de_aula.pdf>. Acesso em 20 out. 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **A escola brasileira em face de um dualismo perverso: Escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres**. Anais... X Encontro de Pesquisa em Educação da Anped, julho, 2010. Disponível em: <http//www.scielo.br/pdf/ep/v38n1/aop323.pdf>. Acesso em 22 out. 2013.

_____, **Pedagogia e Pedagogos para quê?**. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 2000. Disponível em: <http://www.gestãoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/resenha/pedagogiapedagogo.pdf>. Acesso em 25 out. 2013.

MADEIRA, F.R. **Violência nas escolas: quando a vítima é o processo pedagógico**. Anais**...** São Paulo em Perspectiva. São Paulo, Fundação Sead, v.13, 4 p.49-61. Out- dez 1999.

NAGEL, Lizia Helena. **A educação dos alunos (ou filhos) da pós-modernidade**. Mimeo. S/D. Centro Universitário de Maringá (CESUMAR).

_____, **Violência e educação**. Mimeo, S/D. Centro Universitário de Maringá. (CESUMAR).

_____, **Educação pós-moderna: interesses e aporias**. In: Anais... IV Jornada de Grupo de Pesquisa "História, Sociedade e Educação no Brasil". UEM. Maringá, 2004. p.1-13.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais Contemporâneos. **Enfrentamento à Violência**, Cadernos Temáticos dos Desafios Educacionais Contemporâneos, (4-103-p), Curitiba. 2008.

_____, Secretaria de Estado da Educação. Edital n° 10/2007. **Atividades genéricas do professor pedagogo no ensino da rede estadual do Paraná**. Paraná: SEED, 2007.

Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/editais/edital102007gs.pdf>. Acesso em 29 out. 2013.

_____, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Formação Continuada. **Organização do trabalho pedagógico no curso de formação de professores.** Produção de: João Luiz Gasparin. Categoria: Vídeos Formação Continuada. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/debaser/singlefile.php?id=606>. e <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/debaser/singlefile.php?id=607>. e <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/debaser/singlefile.php?id=608>. Acesso em 25 out. 2013.

TAQUES, Mariana F. von et al. **O papel do Pedagogo na Gestão: Possibilidades de Mediação do Currículo**. Secretaria de Estado da Educação – Paraná, 2008.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8ª ed. Revista e ampliada. Campinas, São Paulo. Autores Associados, 2003.

_____, **Sentido da pedagogia e papel do pedagogo**. In: Revista da Ande, São Paulo, n° 9, p.27-28,1985.

SCHILLING, Flávia. **Violência nas escolas: explicações, conexões**. Enfrentamento à Violência, Cadernos Temáticos dos Desafios Educacionais Contemporâneos, 13-19p, 2008.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org). **Projeto Político Pedagógico da escola: uma construção possível.** Campinas: Papirus, 1995.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A Formação Social da Mente**. Tradução José Cipolla Neto et al. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.